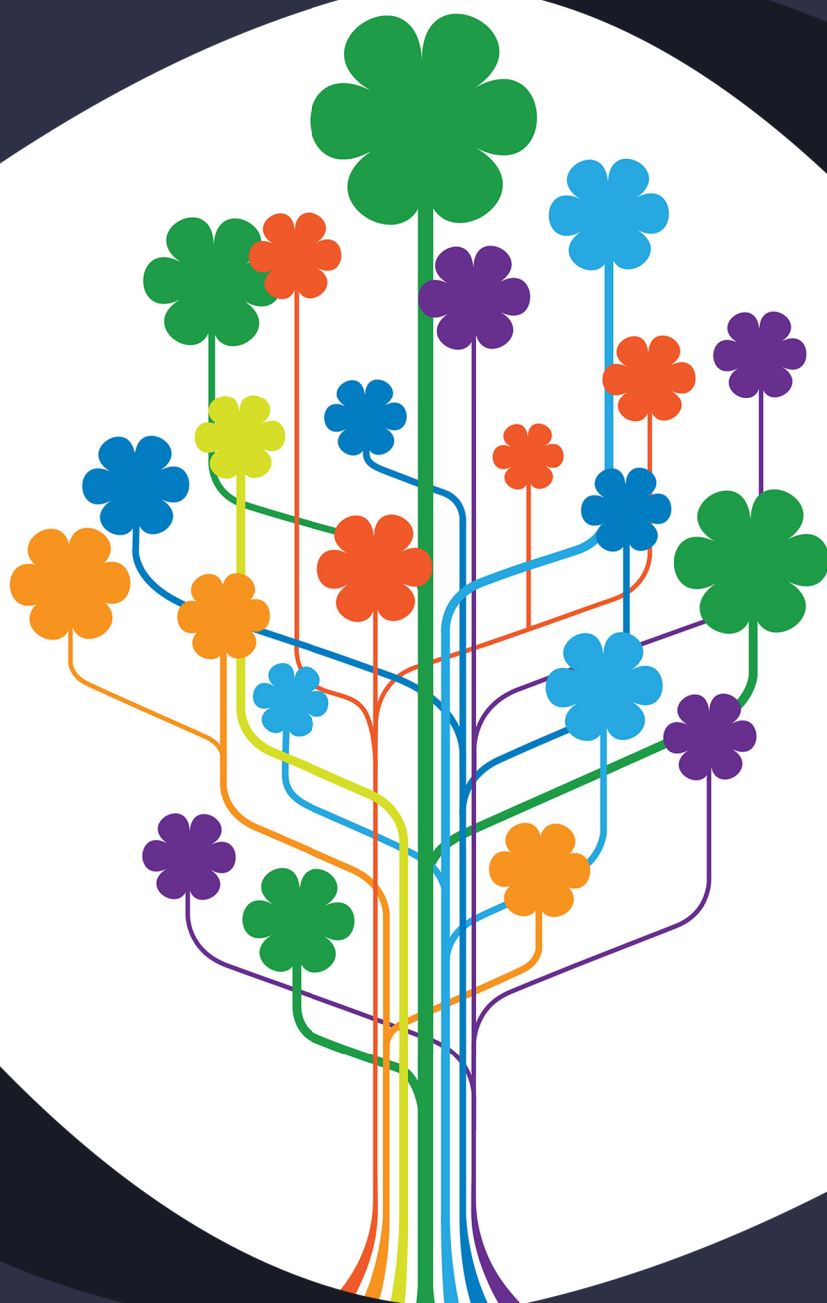


# Políticas Públicas na Educação Brasileira: Caminhos para a Inclusão 2

Michéle Barreto Justus  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

Michéle Barreto Justus  
(Organizadora)

Políticas Públicas na Educação Brasileira:  
Caminhos para a Inclusão 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
P769	Políticas públicas na educação brasileira [recurso eletrônico] : caminhos para a inclusão 2 / Organizadora Michéle Barreto Justus. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Políticas Públicas na Educação Brasileira. Caminhos para a Inclusão; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-724-6 DOI 10.22533/at.ed.246191710  1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Justus, Michéle Barreto. II. Série. CDD 379.81
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Entender o que é a Educação Especial e como ela é fundamental para o desempenho dos alunos com necessidades especiais é decisivo para mudar os rumos da educação como um todo, visto que a Educação Especial é uma realidade nas mais diversas escolas.

Frente a esse desafio, colocado aos docentes que atuam em todos os níveis e à toda a comunidade escolar, o e-book intitulado “Políticas Públicas na Educação Brasileira: caminhos para a inclusão - 2” traz contribuições para leitores que se interessem por conhecer alternativas, experiências e relatos de quem se dedica ao estudo do tema.

Esta obra se organiza em 4 eixos: *inclusão e educação especial, educação especial e legislação, estudos culturais e inclusão social e o uso da tecnologia para educação especial*.

O primeiro eixo aborda estudos sobre os desafios e reflexões onde Educação Especial perpassa enquanto uma modalidade de ensino; e apresenta artigos que envolvem estudos sobre pessoas com surdez, superdotação ou altas habilidades e deficiência visual, além de artigos sobre o ensino na Educação Básica, Ensino Superior e gestão e inclusão.

No segundo eixo, os textos versam sobre a análise de alguns documentos oficiais acerca da Educação Especial e seus reflexos no cotidiano das escolas.

No terceiro, traz artigos que abordam temas sobre a educação e seu valor enquanto instrumento para a inclusão social; e por fim, aborda o uso das tecnologias na melhoria das estratégias de ensino na Educação Especial.

Certamente, a leitura e a análise desses trabalhos possibilitam o conhecimento de diferentes caminhos percorridos na Educação Especial, e favorecem a ideia de que é possível ter uma educação diferenciada e de qualidade para todos.

Michéle Barreto Justus

# SUMÁRIO

## I. INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL

### Desafios e reflexões

#### **CAPÍTULO 1 ..... 1**

A CULTURA POPULAR COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA A INCLUSÃO EDUCACIONAL

Samantha Camacam de Moraes

Verônica Catharin

Lúcia Pereira Leite

**DOI 10.22533/at.ed.2461917101**

#### **CAPÍTULO 2 ..... 14**

OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR CRIANÇAS AUTISTAS E SEUS PAIS: UM PANORAMA DA NECESSIDADE DA INCLUSÃO ESCOLAR

André Luiz Alvarenga de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.2461917102**

#### **CAPÍTULO 3 ..... 32**

O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA: DESAFIOS À PRÁTICA DOCENTE

Raimunda Fernandes da Silva Souza

Rozineide Iraci Pereira da Silva

Nair Alves dos Santos Silva

**DOI 10.22533/at.ed.2461917103**

#### **CAPÍTULO 4 ..... 42**

O TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS EDUCACIONAL: REFLEXÕES A PARTIR DE DIFERENTES FIGURAÇÕES ESCOLARES

Keli Simões Xavier Silva

Euluze Rodrigues da Costa Junior

**DOI 10.22533/at.ed.2461917104**

### Surdez

#### **CAPÍTULO 5 ..... 53**

A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Júlia Martins Bárbara Rodrigues

Cintia Resende Correa

**DOI 10.22533/at.ed.2461917105**

#### **CAPÍTULO 6 ..... 61**

BIBLIOTECA INCLUSIVA: MEDIAÇÃO COM O USUÁRIO SURDO

Bruna Isabelle Medeiros de Moraes

Laís Emanuely Albuquerque Dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.2461917106**

## Superdotação/altas habilidades

### **CAPÍTULO 7 ..... 69**

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR EDUCACIONAL FRENTE AOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Elivelton Cardoso Viera  
Camila Siqueira Cronemberger Freitas  
Carolina Martins Moraes

**DOI 10.22533/at.ed.2461917107**

### **CAPÍTULO 8 ..... 80**

ALTAS HABILIDADES: AS METODOLOGIAS NO ENSINO NAAHS

Maria Luzia dos Santos Moreira

**DOI 10.22533/at.ed.2461917108**

## Deficiência Visual

### **CAPÍTULO 9 ..... 93**

BIOLOGIA INCLUSIVA: DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Andressa Antônio de Oliveira  
Karina Carvalho Mancini

**DOI 10.22533/at.ed.2461917109**

### **CAPÍTULO 10 ..... 100**

O USO DO SOROBAN NO ENSINO DE MATEMÁTICA PARA A CRIANÇA DEFICIENTE VISUAL

Raffaella de Menezes Lupetina  
Marta Maria Donola Victorio  
Margareth Oliveira Olegário

**DOI 10.22533/at.ed.24619171010**

### **CAPÍTULO 11 ..... 111**

EM DIREÇÃO ÀS BIBLIOTECAS INCLUSIVAS NO SUPORTE AOS DISCENTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: REFLEXÃO DOCUMENTAL SOBRE OS DIRECIONAMENTOS DO IFPE NO ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO

Ada Verônica de Novaes Nunes  
Ivanildo José de Melo Filho

**DOI 10.22533/at.ed.24619171011**

## Educação Básica

### **CAPÍTULO 12** ..... 124

LIBRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

André Henrique Furtado Torres  
Eva Alves da Cruz  
Victor Hugo de Oliveira Henrique

**DOI 10.22533/at.ed.24619171012**

### **CAPÍTULO 13** ..... 134

O TRABALHO COLABORATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruna Rafaela de Batista  
Ana Lídia Penteado Urban  
Luci Pastor Manzoli

**DOI 10.22533/at.ed.24619171013**

### **CAPÍTULO 14** ..... 143

AS FACETAS DA INCLUSÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rozineide Iraci Pereira da Silva  
Nair Alves dos Santos Silva  
Maria Aparecida Dantas Bezerra  
Ana Cláudia Xavier Da Silva  
Diógenes José Gusmão Coutinho

**DOI 10.22533/at.ed.24619171014**

### **CAPÍTULO 15** ..... 153

COMO AS SALAS REGULARES RECEBEM E POSSIBILITAM A PERMANÊNCIA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM SEU PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA VISÃO DOCENTE

Larisse Lorrane Monteiro Moraes  
Daniela de Jesus Rodrigues de Andrade  
Priscila Lorena Souza Palhano  
Sara Maria Silva de Miranda  
Fernanda Pinheiro Castro  
Bianca Sousa Geber  
João Mailson da Silva Quaresma  
Larissa Cesarina Mota Gomes

**DOI 10.22533/at.ed.24619171015**

### **CAPÍTULO 16** ..... 163

DESIGN E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA BUSCA PELO APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO

Maria Carolina Frohlich Fillmann  
Karen Mello Colpes  
Elisa Bonotto do Couto

**DOI 10.22533/at.ed.24619171016**



**CAPÍTULO 17 ..... 176**

ENSINO DE INGLÊS PARA ALUNOS SURDOS: MATERIAIS DIDÁTICOS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Monique Vanzo Spasiani

**DOI 10.22533/at.ed.24619171017**

**CAPÍTULO 18 ..... 190**

ENSINO PARA SURDOS E ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E DE IDENTIDADE

Andréa dos Guimarães de Carvalho

Gilmar Garcia Marcelino

Renata Rodrigues de Oliveira Garcia

**DOI 10.22533/at.ed.24619171018**

**Ensino Superior**

**CAPÍTULO 19 ..... 200**

OS DESAFIOS DAS IES NA ADESÃO DOS PROFESSORES À INCLUSÃO ESCOLAR

Aline Gama Cunha Carvalho

Jaylla Fernanda Ferreira de Oliveira Raeli

Vanessa do Amaral Tinoco

**DOI 10.22533/at.ed.24619171019**

**CAPÍTULO 20 ..... 205**

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM MANUAL DIRECIONADO AOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS

Jane de Carlos Santana Capelli

Nuccia Nicole Theodoro De Cicco

Julia Barral Dodd Rumjanek

Vivian Mary Barral Dodd Rumjanek

**DOI 10.22533/at.ed.24619171020**

**CAPÍTULO 21 ..... 220**

DESAFIOS PARA A (RE) INCLUSÃO DISCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Karla Rona da Silva

Shirlei Moreira da Costa Faria

Jhonatan Gomes Vieira Frois

Sara Moura Martins

Elizabeth Cristina Pereira Morbeck

Sônia Maria Nunes Viana

**DOI 10.22533/at.ed.24619171021**

## Gestão e Inclusão

<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>231</b>
TRABALHO COLABORATIVO NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA A ARTICULAÇÃO DO GESTOR	
Elizete Varusa Seneda	
Eladio Sebastián-Heredero	
DOI 10.22533/at.ed.24619171022	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>236</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>237</b>

## ALTAS HABILIDADES: AS METODOLOGIAS NO ENSINO NAAHS

**Maria Luzia dos Santos Moreira**

Universidade Norte do Paraná- UNOPAR

Londrina, Paraná

**RESUMO:** A educação inclusiva tem se destacado nos últimos anos, evidenciando a necessidade de a escola e professores estarem preparados para atender o sujeito com altas habilidades/superdotação em salas especiais. Nesta dimensão, este trabalho tem como propósito analisar as especificidades que envolvem alunos identificados com altas habilidades, verificando as propostas metodológicas e suas condições de aprendizagem. Para construção do trabalho, foi aplicado um questionário semiestruturado junto a seis professores da sala de recursos, com o objetivo de identificar as metodologias propostas aos alunos, suas características, evoluções, orientações na literatura e o posicionamento dos professores nos casos de dúvidas. Considerando o desenvolvimento da pesquisa, concluiu-se que: com relação ao encaminhamento às salas de recursos, ressaltou-se a importância do professor que atua nas salas de aula regular no processo de avaliação do aluno na identificação das altas habilidades. Considera-se que as metodologias de ensino para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno com altas habilidades/superdotação

são desenvolvidas de acordo com o interesse do indivíduo, no uso de diversas ferramentas e mecanismos de ensino. As propostas metodológicas elaboradas para o desenvolvimento da aprendizagem incluem métodos de ensino adaptados às necessidades especiais, sendo que as orientações do Ministério de Educação e Cultura (MEC) para atendimento dos alunos com altas habilidades/superdotação contemplam as necessidades de aprendizagem e ressaltam a importância da sala de recursos, o papel do educador, no contexto do grupo e nos benefícios que traz.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Especial. Altas Habilidades Superdotação.

### HIGH SKILLS: TEACHING METHODOLOGIES IN NAAHS

**ABSTRACT:** Inclusive education has been highlighted in recent years, highlighting the need for the school and teachers to be prepared to attend the subject with high skills / giftedness in special classrooms. In this dimension, this paper aims to analyze the specificities involving students identified with High Skills, verifying the methodological proposals and their learning conditions. For the construction of the work, a semi-structured questionnaire was applied to six teachers of the resource room, with the objective of identifying the methodologies proposed to

the students, their characteristics, evolutions, orientations in the literature and the teachers' position in case of doubts. Considering the development of the research, it was concluded that: regarding the referral to the resource classrooms, it is emphasized the importance of the teacher who works in the regular classrooms in the student evaluation process in the identification of the high skills. Teaching methodologies for the development of student learning with high skills / giftedness are considered to be developed according to the individual's interest in the use of various teaching tools and mechanisms. The methodological proposals elaborated for the development of the learning include teaching methods adapted to the special needs, and the orientations of the Ministry of Education and Culture (MEC) to attend the students with high abilities / giftedness contemplate the learning needs and emphasize the importance of the resource room, the role of the educator in the context of the group and the benefits it brings.

**KEYWORDS:** Special Education. High Skills Giftedness.

## 1 | INTRODUÇÃO

A educação especial no Brasil vem se desenvolvendo significativamente nas últimas décadas, sendo considerada uma modalidade de ensino que se destina a educandos com necessidades especiais no campo de aprendizagem, nas dimensões física, sensorial, intelectual ou múltiplas.

Entre as diversas necessidades especiais, ressaltam-se os alunos com altas habilidades/superdotação tema ainda pouco discutido, o que promove incertezas e demora no encaminhamento desses alunos aos núcleos de apoio NAAH/S (Núcleo de Atendimentos de Altas Habilidades/Superdotação).

Para melhor compreender as especificidades que envolvem alunos identificados com altas habilidades/superdotação e a metodologia aplicada no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem junto aos referidos alunos, buscou-se uma fundamentação teórica em Novaes (1979) Perez (2000) Cupertino (2008) Virgolim (2000) Seber (1997) Antunes (1998; 2000) Gama (2007; 2013) entre outros, os quais possibilitaram uma melhor compreensão sobre esta temática.

Assim sendo, o objetivo geral deste estudo é analisar as especificidades que envolvem alunos identificados com altas habilidades/superdotação, verificando as propostas metodológicas e suas condições de aprendizagem. Quanto aos objetivos específicos, são: apontar características identificadas em alunos superdotados e alto habilidosos; identificar quais são os avanços e dificuldades dos alunos com altas habilidades quando encaminhados à educação especial; analisar as propostas metodológicas atuais para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos com altas habilidades/ superdotados no contexto do ensino regular e analisar como estes alunos são encaminhados ao núcleo de atendimento.

Justifica-se a escolha deste tema em virtude da constatação de que a

identificação de altas habilidades/superdotação ocorre usualmente nas salas de aulas regulares, onde os professores podem não estar preparados para atendê-los, haja vista a escassez de abordagens sobre a temática nos cursos de graduação.

De forma específica, este estudo teve como finalidade aprofundar a compreensão sobre as metodologias de ensino do aluno com altas habilidades / superdotação, suas dificuldades e conquistas, analisando a motivação desses sujeitos no enriquecimento curricular promovido nas salas de recurso do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades / Superdotação de uma instituição da rede estadual de ensino do município de Londrina.

## **2 | UM POUCO DA HISTÓRIA DE ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO**

Ao longo dos séculos, é possível identificar o interesse pela educação de pessoas com altas habilidades ou superdotados. Platão defendia a ideia de que as crianças superdotadas intelectualmente deveriam ser especialmente adestradas nos campos das ciências, filosofia e da metafísica. Novaes (1979) pontua que Suleiman (o Magnífico), já no século XVI, fez uma busca em todo Império Turco para localizar os mais inteligentes e os mais fortes entre as populações cristãs, tendo em vista que os superdotados deveriam ser instruídos e formados como artistas, sábios ou chefes de guerra.

No entanto, a educação de pessoas com altas habilidades ou superdotados se depara com problemas, os quais têm dificultado o progresso na área, tais como a falta de pesquisas, a falta de vontade política dos governos, os mitos que rodeiam os educadores e familiares, contribuindo com o atraso do direcionamento aos núcleos NAAH/S (Núcleo de Atendimentos de Altas Habilidades / Superdotação).

Segundo Pérez (2000) presidente da Associação Brasileira de Superdotado do Rio Grande do Sul, o número de pessoas com altas habilidades é estimado, segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, em 3 a 5% da população; no entanto estes números caracterizam as pessoas com QI (Quociente de Inteligência) superior a 140, identificadas através de testes de inteligência, que geralmente avaliam “[...] as habilidades linguísticas, espacial e lógico-matemática, deixando de verificar outras áreas, como artísticas, psicomotoras e de liderança, restringindo a concepção de potencial humano” (PÉREZ, 2000, p.13).

No Brasil, a educação voltada ao atendimento de alunos com altas habilidades ou superdotação começou a ser reconhecida e acolhida a partir da década de 1920, com a professora Helena Antipoff, que recebia alunos provenientes de colégios da Zona Sul do Rio de Janeiro em uma fazenda, onde promovia atividades multidisciplinares durante as férias escolares. Antipoff defendia a ideia de que tais alunos “[...] necessitavam de atenção especial tanto no contexto familiar, como na escola e na sociedade, assim como outros sujeitos com necessidades especiais”

(PERÉZ, 2000, p.09).

Cupertino e Arantes (2012) elencam alguns aspectos significativos relacionados ao desenvolvimento das altas habilidades/superdotação, considerando a contextualização histórica e política do país:

1938 - Helena Antipoff chama a atenção, na Sociedade Pestalozzi, para os bem-dotados; 1950 - Julieta Ormastroni cria o programa “Cientistas para o Futuro”. 1966/1967 - Primeiros seminários sobre educação dos bem-dotados (Sociedade Pestalozzi); 1967 - O MEC cria comissão para estabelecer critérios de identificação e de atendimento aos superdotados; 1972 - Centro Educacional Objetivo – início do atendimento aos superdotados na rede privada; 1973 - Criação da ADAV – Associação Milton Campos para Desenvolvimento e Assistência a Vocações de Bem-Dotados; 1975 - Fundação José Carvalho – aulas de mineração, computação e administração para alunos de baixa renda; 1975 - NAS – Núcleo de Apoio à Aprendizagem do Superdotado; 1978 - ABSD – Associação Brasileira para Superdotados; 1986 - Solange Wechsler cria o “Clube de Talentos” (CUPERTINO; ARANTES 2012, p.11)

Na década de 1990, surgem alguns centros educacionais especializados, como o CEDET/ASPAT – Centro para Desenvolvimento do Potencial e Talento em Lavras; os Programas para superdotados na Universidade Federal Fluminense, ambos em 1993. Em 2003, há a criação do ConBraSD – Conselho Brasileiro de Superdotação; e em 2006 ocorre Implantação das NAAH/S (Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação). Outro marco temporal de vulto foi a publicação da Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, em 2008 (CUPERTINO; ARANTES, 2012)

Guimarães e Ourofino (2007) acrescenta que, historicamente, a concepção de superdotação foi relacionada à inteligência como uma referência mensurável e, assim, identificada a partir de teste de inteligência, conseqüentemente o QI (Quociente de Inteligência), considerando a medida ideal da inteligência humana, o grau de potenciais intelectuais de um indivíduo e conceituando por muitas décadas a identificação dos superdotados.

Esta posição, no entanto, não é mostra consensual, razão pela qual, na seção a seguir, discorre-se sobre as características da identificação do sujeito com essa especificidade.

### **3 | IDENTIFICAÇÃO DE ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO**

A identificação e a avaliação do sujeito com altas habilidades/ superdotação é sempre um desafio para educadores e psicólogos, em um contexto sociocultural em que cada indivíduo tem sua personalidade, criatividade, maneiras diferentes de pensar. A simples rotulação do indivíduo não o caracteriza superdotado ou habilidoso, é necessária uma triagem pedagógica com orientação educacional. Além disso, o processo de identificação deste aluno deve ter como base referenciais teóricos consistentes.

A identificação de altas habilidades não se apoia em dados absolutos; não existem regras fixas, nem a certeza de acertar. Mesmo as medidas mais precisas somente apontam prognósticos, porque a vida humana é muito complexa e envolve muitas variáveis, entre as quais pode existir uma alta habilidade. Muitos fatores vão influenciar o sucesso ou insucesso, o desenvolvimento dos potenciais de pessoas identificadas como talentosas (CUPERTINO, 2008, p.23).

O professor que suspeitar que o aluno da sala de aula comum é habilidoso ou superdotado, além de fazer uma análise cuidadosa deverá solicitar apoio do núcleo de atividades de altas habilidades do município, uma vez que não existe regra para a identificação, por não ser possível se apoiar em dados absolutos, havendo em alguns casos a necessidade de intervenção de psicólogos.

Guimarães (2007) menciona que a literatura aponta a necessidade de identificação do indivíduo com altas habilidades / superdotação. Haja vista que há uma urgência desse diagnóstico, de forma a evitar problemas de desajustamento, desinteresse e baixo rendimento da aprendizagem desses indivíduos.

Nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, encontra-se a seguinte definição para altas habilidades/superdotação:

[...] grande facilidade de aprendizagem que o leve a dominar rapidamente os conceitos, os procedimentos e as atitudes e que, por terem condições de aprofundar e enriquecer esses conteúdos deve receber desafios suplementares em classe comum, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para concluir, em menor tempo, a série ou etapa escolar (BRASIL, 2001, p.39).

O processo de identificação do aluno com altas habilidades/ superdotação, requer a realização de uma sequência de ações e orientações. É necessário incluir etapas a serem seguidas e instrumentos apropriados, formando uma combinação entre avaliação formal e observação estruturada no próprio contexto da escola, com disponibilidade de avaliar conhecimentos, estilos de aprendizagem e de trabalho do aluno.

Guimarães (2007) ressalta a importância de a identificação ser gradativa, ou seja, acompanhar o aluno em toda a trajetória, mesmo depois de encaminhado ao programa de atendimento. É primordial inserir outras fontes de informação de forma a privilegiar uma visão geral do indivíduo.

[...] podemos reiterar que definir se alguém tem altas habilidades ou não depende da compreensão de seus comportamentos, situados no contexto do qual provêm, e da análise cuidadosa e detalhada das configurações das capacidades que caracterizam cada pessoa. Esses comportamentos podem ser avaliados em conjunto por meio de: observação direta do comportamento; avaliação do desempenho; escalas de características; questionários; entrevistas, ou conversas (profundas, prolongadas) com a própria pessoa, com a família, com os professores; testes, desde que usados mais como metáforas da vida real do que em busca de resultados numéricos absolutos (CUPERTINO, 2008, p.25).

Nesse contexto, o desenvolvimento escolar do aluno deve ser contemplado por um olhar singularizado do professor quanto às metodologias do ensino e de aprendizagem, no uso de diversos mecanismos de análise e apoio em prol de

atender as necessidades especiais desses alunos, no intuito de propiciar a ele a oportunidade de conhecer-se em seu próprio universo.

Não há concordância entre diferentes autores no que concerne à definição de superdotado. Assim, enquanto alguns fazem distinção entre o indivíduo superdotado e o talentoso, utilizando o primeiro termo para fazer referência apenas aos indivíduos com uma habilidade excepcional na área intelectual ou acadêmica e o segundo termo para aqueles indivíduos com habilidades excepcionais nas artes, música ou teatro, outros discriminam ainda o indivíduo altamente criativo como parte de um grupo especial (ALENCAR; FLEITH, 2001, p. 57-58).

Para Guimarães e Ourofino (2007), o método de identificação da criança superdotada é um processo importante que deve considerar a definição de superdotação que se mostrar mais adequada ao contexto em questão. Essa identificação só terá finalidade na condição de oferecer também um composto de práticas educacionais que venham atender às necessidades e colaborar no desenvolvimento do aluno.

#### 4 | METODOLOGIA

A pesquisa aqui descrita teve uma abordagem qualitativa, descrita por Lüdke e André (1986) como aquela que possui um ambiente natural como seu foco direto de dados e o agente de pesquisa como sua principal ferramenta, a qual supõe o contato direto e duradouro na necessidade de exploração do que está sendo pesquisado.

Quanto aos procedimentos, foi realizada uma pesquisa de campo junto a seis professores que representam a totalidade de profissionais integrantes do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação NAAH/S, em um colégio estadual localizado no município de Londrina.

A coleta de dados, realizada em outubro de 2014, ocorreu por meio da aplicação de um questionário semiestruturado, contendo seis questões abertas. Os profissionais eram de áreas distintas, sendo dois da área de Educação Física, um formado em Ciências Sociais, um da Educação Artística, um de Letras e um de Pedagogia. Os participantes que atuavam na sala de recursos foram denominados pela notação “P”, seguida de uma numeração específica aplicada aleatoriamente. Assim, serão referidos como P1, P2, P3 e assim por diante.

O Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação disponibiliza sete salas de recursos para atendimento a alunos com necessidades de identificação das habilidades ou alunos com habilidades já identificadas que demandam atendimento educacional especializado. Esses ambientes atendem educandos da sala de aula comum, que foram avaliados e diagnosticados por profissionais capacitados, com alguma habilidade especial, nestes casos a altas habilidades ou superdotação, que é o que está em questão. Destas sete salas, três são reservadas para atendimentos no período matutino e quatro para o período vespertino. A capacidade de atendimento nestas salas é de 18 alunos, sendo que estes alunos são divididos e atendidos com



horários especiais, ou seja, não frequentam as aulas todos os dias, os horários de atendimentos são de acordo com a necessidade de cada educando.

## 5 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme já mencionado, a pesquisa de campo que deu origem a este trabalho teve como escopo analisar como os alunos com altas habilidades/superdotação são atendidos no contexto escolar, apontando suas especificidades e características, além de identificar o modo como esses alunos são encaminhados às salas de recursos, as metodologias utilizadas e os avanços ou dificuldades encontradas.

Em relação às características predominantes no aluno com altas habilidades, os professores participantes da amostra da pesquisa assim se posicionaram:

Criatividade, habilidade acima da média em um ou mais áreas, comprometimento em atividades do seu interesse, liderança, entre outras (P1).

Ter pelo menos uma habilidade acima da média, associada à criatividade e envolvimento com tarefas propostas, as características visíveis, são variadas, existem listas que podem ser apontadas, mas não é regra (Suzana Perez aponta inúmeras características) (P2).

As primeiras características são o comprometimento nas tarefas, criativos e grandes potencial nas áreas intelectual, acadêmica, liderança, artes, psicomotricidade, o que pode ocorrer isoladamente em algumas delas ou associadamente (P3).

São muitas as características, varia muito de aluno por aluno. Interesse específicos, criatividade etc (P4).

Percebe-se nesse alunado habilidade acima da média em alguma área do conhecimento que pode ser nas disciplinas acadêmicas, ou então, habilidade artística ou psicomotora acima da média dos seus pares. Apresentam ainda criatividade e um comprometimento com a tarefa em relação aos seus interesses (P5).

Criatividade, envolvimento com a tarefa, habilidade acima da média, alto nível de pensamento abstrato, uso apropriado de informações, técnicas e estratégias, liderança, gosto e nível elevado para leitura, os alunos apresentam características com indicativos de altas habilidades e superdotação em várias áreas ou em áreas específicas (P6).

As respostas transcritas evidenciam a predominância, nos alunos atendidos nas salas de recursos com altas habilidades ou superdotação, de características como elevado índice de criatividade, habilidades acima da média, comprometimento com as tarefas, além de destacar-se na liderança, na arte psicomotora, no gosto peculiar de interesse pela leitura.

Tais características são variáveis, não havendo assim regra exata para formação de grupos para atendimento, sendo que os profissionais que trabalham com estes grupos recebem orientações e capacitação para desenvolver atividades ligadas às

especificidades de cada aluno. Contudo, a preferência e habilidades devem coincidir em alguma área. O atendimento escolar recebido nas salas de recursos busca vencer as barreiras educacionais, moral e emocional do aluno.

Afirma Chagas (2007) que o desempenho do indivíduo é dinâmico, complicado, temporal e abrange a interação entre as habilidades cognitivas, os traços de personalidade e o ambiente.

Outro tema a ser abordado junto aos participantes foi em relação aos procedimentos ou indicações em relação ao encaminhamento dos alunos possivelmente com altas habilidades ou superdotação às salas de recursos do NAAH/S Núcleo de Atividades de Altas Habilidades / Superdotação. Os participantes responderam que o encaminhamento ocorre:

Por meio de indicação de professores do ensino regular, por meio da família e autoindicação (P1).

Por meio de indicação da família, da escola de ensino regular, por amigos ou até, autoindicação (P2).

Recomenda-se realizar uma "avaliação no contexto" na escola da criança ou ainda pela indicação direta da família (P3).

Pode ser indicado pela família, pela escola por meio dos professores. O aluno é encaminhado então, para um processo de avaliação (P4).

O aluno poderá ser encaminhado das seguintes formas: automeação, indicação da escola, indicação por colegas de classe, indicação da família (P5).

Realizar a avaliação no contexto escolar, que é feita por pedagogos e professores (P6).

Considerando as respostas apresentadas, observa-se que não há um protocolo definido para o encaminhamento dos alunos da sala comum ou regular para as salas de recursos. Este procedimento é realizado, na maioria das vezes, através da indicação dos professores das salas comum, pelos seus familiares, por autoindicação, automeação, ou ainda por detalhes fornecidos e observados pelos colegas de classe. Após estas indicações, os professores das salas de recursos, através de um processo de avaliação, identificam se este aluno tem alta habilidade ou superdotação, para assim encaminhá-los para receber os atendimentos devidos e necessários.

Em uma primeira análise, percebe-se que, com base nas respostas dos participantes, que estas confirmam o posicionamento de alguns autores, como Chagas (2007), Cupertino (2012), Guimarães (2007), entre outros, os quais relatam, em seus escritos, que o papel da escola e do professor das salas de aula de ensino regular é de suma importância para que o aluno com altas habilidades/superdotação seja encaminhado para receber o atendimento educacional especializado ao qual tem direito.

Numa segunda análise, observa-se que a família também possui um papel importante na identificação do aluno, sendo uma indicação necessária aos professores da sala de aula regular para avaliação e posteriormente o encaminhamento dos referidos alunos às salas de recursos para o atendimento de altas habilidades / superdotação. Outro aspecto relevante, mencionado pelos participantes, foi em relação à própria turma, pelos colegas, que observam características singulares em alguns alunos.

Cupertino (2008) esclarece que a identificação de altas habilidades / superdotação não se baseia em dados absolutos, não havendo ainda um padrão normalizador ou regra que indique o aluno com altas habilidades / superdotação definitiva, nem tão pouco a certeza de acertar, como as medidas mais precisas. Somente apontam prognósticos, considerando que a vida humana é muito complexa e envolve muitas variáveis, dificultando então, a identificação e havendo a necessidade de pais e professores avaliarem constantemente esses indivíduos.

Em relação às formas de trabalho das metodologias atuais de ensino para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com altas habilidades / superdotação, os participantes responderam que:

Utilizamos o modelo de enriquecimento proposto por Renzulli, atividades do tipo I, II, III. Desenvolvemos também projetos de pesquisa na área de interesse do aluno (P1).

Usamos a sugestão de Renzulli para enriquecimento curricular, atividades de tipo 1, 2,3. Desenvolvimento de projetos científicos (P2).

Estudos / pesquisas / projetos em assuntos de interesse dos alunados; atividades de estimulação de habilidades em diversas áreas; criatividade raciocínio lógico, matemática, etc; atividades exploratórias, etc. Sempre visando o enriquecimento curricular e de mundo do aluno com AH/SD (P3).

Projeto de pesquisa científica na área de interesse e atividades estimuladoras de raciocínio lógico, criatividade, etc. (P4).

No NAAH/S os alunos têm atendimento na sala de recursos onde são avaliados as áreas de interesse e realizados projetos de acordo com o interesse do aluno. São realizadas ainda exercícios de lógicas, criatividade de autoconhecimento e metodologia científica. Já o NAAH/S tem oficinas nas áreas do conhecimento onde é realizado o enriquecimento curricular (P5).

Exercícios de criatividade, vistas e passeios a locais de pesquisas na área de interesse, reflexão crítica de situações da atualidade, relacionadas a política, violência, justiça, sociedade em geral. Incentivo à produção de texto utilizando-se de reflexão crítica e entrevistas, elaboração de propostas de projetos de pesquisa em áreas de interesse (P6).

Com base nos resultados apresentados, pode-se afirmar que as metodologias de ensino para o desenvolvimento do aluno com altas habilidades / superdotação são desenvolvidas de acordo com o interesse do mesmo, através da avaliação de suas habilidades e especificidades, no uso de diversas ferramentas como raciocínio

lógico, habilidades específicas, criatividade, projetos científicos e principalmente de pesquisa.

Para Gama (2007), é possível planejar dentro de uma mesma sala de aula um currículo escolar que atenda alunos que apresentem um desenvolvimento cognitivo e de raciocínio mais habilidoso, assim como aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem no contexto escolar. O professor pode oferecer um currículo para aqueles que já dominam o conteúdo ou que aprendem mais rápido do que seus pares em idade, como também pode elaborar um currículo para aqueles que não têm condições de cumprir todo o conteúdo no tempo determinado, contudo, isto requer, que a escola se proponha a ser inclusiva, com desempenhos dos profissionais e apoio das famílias.

Alunos com altas habilidades/superdotação requerem um planejamento especial nas salas de recursos. Todavia, há um grande interesse nesse contexto escolar em saber como é desenvolvida essa supervisão da aprendizagem, questionamos aos participantes a quem recorrerem nos casos de dúvidas ou dificuldades e como contribuem para o processo de desenvolvimento do ensino aprendizagem.

Em relação às dúvidas ou dificuldades para o desenvolvimento de metodologias de ensino para o atendimento junto aos alunos com altas habilidades/superdotação, os participantes responderam que quando apresentam dúvidas recorrem a:

Equipe pedagógica do NAAH/S, em bibliografia sobre o assunto e com outros professores da área (P1).

A coordenação do NAAH/S, pedagoga, bibliografia da área, outros professores (Fernanda, Diogo, pois trocamos muita informação) (P2).

A coordenação do NAAH/S, ampara os professores de sala de recurso através de um atendimento especializado pedagógico, também consultamos os colegas que também trabalham com SRM quando surgem dúvidas (P3).

A equipe pedagógica / Administrativa do NAAH/S, a SEED / (DEEIN) (P4)

Procuo me atualizar através da literatura e sempre busco informações no site Conbrasd (Conselho Brasileiro para Superdotação) (P5).

A equipe pedagógica do NAAH/S, leituras de livros sobre altas habilidades e superdotação, pesquisa em sites especializados (P6).

Face às respostas obtidas junto aos professores participantes da pesquisa, comprovou-se que, em caso de dúvidas, em primeiro lugar procuram o NAAH/S – Núcleo de Atendimento de Altas Habilidades / Superdotação do município, discutem e trocam experiências e informações com os colegas de sala de recursos e também buscam sanar suas dúvidas através de literatura específica, sites e pesquisas.

Face a este direcionamento, Guimarães (2007) afirma que:

Para isso, o professor necessita ser treinado e qualificado na área de superdotação, evitando vieses e noções errôneas sobre esse tema. Ele deve participar ativamente

tanto na fase de identificação quanto no desenvolvimento de um currículo mais flexível e significativo para esses alunos, se possível respeitando as diferenças individuais.

Portanto, considerando os procedimentos adotados individualmente por cada professor, considerando a complexidade de identificar e atender esses alunos, o professor requer seu comprometimento na educação continuada.

Outro tema a ser questionado junto aos professores das salas de recursos do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades / Superdotação, foi em relação às contribuições do atendimento oferecido na referida sala para a aprendizagem dos alunos. Considerando esse aspecto, foi possível identificar que:

O atendimento nas SRAH/SD atende tanto as necessidades de aprendizagem como também em aspectos sociais quando o aluno superdotado passa a conviver e interagir com seus pares, ou seja, alunos que como ele tem as mesmas características e ou / interesses (P1).

Desde que encaminhados e frequentando as SRAH/SD, acredito que ,melhora sua aprendizagem. No entanto, é preciso que os professores do ensino regular identifiquem os que tem maior potencial e encaminhem para o atendimento especializado. O número ainda é irrisório, visto que há pouco conhecimento sobre a área de SD (P2).

Acredito que os alunos das salas de recurso evoluem, ampliando seus conhecimentos conforme seu grau de interesse e produtividade. Eles se aprimoram nas pesquisas que realizam e nas produções científicas, sua visão de mundo e ampliada bem como os conhecimentos em suas áreas preferidas (P3).

O aluno ganha em conhecimento e também na socialização (P4).

Percebo que o trabalho do NAAH/S e das salas de recursos atendem não somente as necessidades de aprendizagens como também colabora na área social já que notamos que os alunos chegam no atendimento com queixa de dificuldade de se enturmar, mas aqui encontram outros com mesmo interesses e acabam formando grupos (P5).

Os projetos que vêm sendo realizados pelos alunos possibilitam o contato a iniciação e à pesquisa científica (P6).

Considerando as respostas dos participantes, percebe-se que todos afirmam que as orientações e documentações provenientes do Ministério de Educação e Cultura (MEC) atendem às necessidades de aprendizagem e ressalta a importância da sala de recursos, o papel do educador, o contexto do grupo e os benefícios que traz.

Em consonância à Política Nacional de Educação Especial, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, resoluções e normativas, é possível perceber que a educação de alunos com altas habilidades/superdotação ocupa um lugar importante na legislação educacional brasileira, buscando adaptações de currículos em prol da educação inclusiva.

Conforme Brasil (2008), após o ano de 2005 a educação do sujeito com

altas habilidades / superdotação tomou-se outro rumo com a criação dos núcleos de atividades das altas habilidades / superdotação, educação continuada dos professores no intuito de trabalhar as dificuldades escolares, o reconhecimento do diferente e com o apoio da família disponibilizar um ensino de qualidade.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise dos dados coletados na pesquisa de campo, em confronto com os aportes teóricos que subsidiaram a análise aqui trazida, tornou-se possível compreender que as propostas metodológicas oferecidas aos alunos com altas habilidades/superdotação são variadas, de acordo com a necessidade de cada indivíduo e as condições de aprendizagem de cada um.

As diferentes etapas da pesquisa que embasa a produção deste texto permitiram analisar características predominantes do aluno com altas habilidades/superdotação, além de aspectos práticos dos profissionais que atuam nas salas de recursos, em caso de dúvidas ou dificuldades nas metodologias de ensino adotadas.

Ficou evidente ainda que as características de altas habilidades ou superdotação mostram-se variáveis, não havendo um protocolo exato de como identificá-las, em alguns casos poderão coincidir em alguns aspectos, mas não em sua totalidade.

No encaminhamento as salas de recursos, ressalta-se a importância da escola e do professor das salas de aula comum no processo de avaliação do aluno na identificação das altas habilidades ou superdotação, que sejam observadores e precisos, em busca de antecipar a identificação dos mesmos.

Acredita-se que às metodologias de ensino para o crescimento educacional do aluno com altas habilidades/superdotação, devem ser desenvolvidas de acordo com o interesse dos alunos, através da avaliação de suas habilidades e especificidades.

Em relação às propostas metodológicas desenvolvidas na sala de recursos para o desenvolvimento da aprendizagem, comparando a literatura, observou-se que os alunos com tal especificidade necessitam de serviços educacionais diferenciados que busquem promover o desempenho acadêmico, artístico, psicomotor e social, incluindo métodos de ensino adequados às necessidades especiais.

Ressalta-se ainda a importância que é dada pelos participantes da pesquisa de campo, quando confirmaram que, apesar das dificuldades e barreiras enfrentadas, estas podem ser subsidiadas pela constante formação que é oferecida bem como por interesse particular de cada um em aprender para ensinar.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, E.M.L.S.; FLEITH, D.S. **Superdotação**: determinantes, educação e ajustamento. São Paulo: EPU, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA SUPERDOTADOS – ABSD. **Altas habilidades/superdotação e talentos**: manual de orientação para pais e professores. Porto Alegre: ABSD/RS, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, Brasília – MEC, 2008.

CHAGAS, J. F. Conceituação e fatores individuais, familiares e culturais relacionados às altas habilidades, IN: FLEITH, D.S.; ALENCAR, E. M. L. S (Org.). **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades**: orientação para pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUPERTINO, C. M. B. (Org.). **Um olhar para as altas habilidades**: construindo caminhos. 2. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: CENP/CAPE/FDE, 2012.

CUPERTINO, Christina Menna Barreto; ARANTES, Denise Rocha Belfort: **Um Olhar para as Altas Habilidades**: Construindo Caminhos. 2. ed. rev. atual. ampl. São Paulo: Secretaria da Educação, Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado – CAPE, 2012.

GAMA, Maria Clara Sodré S., Parceria entre Família e Escola. In: FLEITH, D.S.; (Org.) **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação**. V. 3. MEC, Secretaria de Educação Especial, 2007, p. 63-73.

GUIMARÃES, Tânia Gonzaga; OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentes. Estratégias de identificação do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza. (Org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**: volume 1: orientação a professores. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2007. p. 53 – 65.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D.A. **Pesquisa em educação abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NOVAES, M. H. **Desenvolvimento psicológico do superdotado**. São Paulo: Atlas, 1979.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. O atendimento educacional ao aluno com altas habilidades/superdotação na legislação da região sul do Brasil: os lineamentos para concretizar uma quimera. In: FREITAS, Soraia Napoleão (Org.). **Educação e Altas Habilidades/Superdotação**: a ousadia de rever conceitos e práticas. Porto Alegre: UFSM, 2006.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**MICHÉLLE BARRETO JUSTUS** Mestre em educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) em 2015, especialista em Gestão Escolar pelo Instituto Tecnológico de Desenvolvimento Educacional (ITDE) em 2009, pedagoga graduada pela UEPG em 2002 e graduada em Psicologia pela Faculdade Sant’Anna (IESSA) em 2010. Autora do livro “Formação de Professores em Semanas Pedagógicas: A formação continuada entre duas lógicas”. Atua como pedagoga na rede estadual de ensino.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Altas habilidades 39, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 135, 136, 146, 151, 154, 155, 207

Autismo 1, 3, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41

### B

Biblioteca inclusiva 61, 62, 63, 64, 66, 67, 113, 116

Biscuit 93, 94, 95, 97

### C

Crianças autistas 14, 16, 21, 24, 29, 31, 38

Cultura Popular 1, 4, 5, 7, 8, 12

### D

Deficiência visual 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 166, 175

Deficientes auditivos 61, 62

Democratização 143, 144

Desenvolvimento Infantil 1, 23

Design 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 174, 175, 209

Design Universal para a Aprendizagem 163, 164, 165, 166, 167

Dinâmica pedagógica 163

### E

Educação básica 12, 22, 26, 32, 47, 57, 127, 134, 137, 155, 174, 188, 215

Educação de Surdos 42, 44, 49, 53, 58, 59, 60, 129, 132, 176, 177, 179, 180, 182, 185, 187, 188, 199, 205, 206

Educação Especial 1, 12, 16, 19, 20, 21, 26, 30, 31, 33, 36, 41, 42, 44, 51, 52, 62, 74, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 90, 92, 93, 94, 109, 110, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 152, 155, 156, 162, 169, 174, 188, 200, 206, 217, 218, 221, 227, 228, 235

Educação Inclusiva 1, 4, 12, 13, 15, 18, 20, 21, 24, 32, 34, 35, 39, 40, 41, 43, 44, 51, 57, 62, 70, 75, 78, 80, 83, 90, 92, 94, 113, 124, 125, 126, 127, 131, 135, 136, 138, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 154, 156, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 171, 174, 175, 203, 205, 206, 207, 216, 217, 221, 222, 227, 228, 229, 231, 232, 235

Educação Infantil 21, 25, 51, 52, 54, 79, 106, 108, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 141

Ensino 1, 4, 5, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 34, 35,

36, 37, 38, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 227, 228, 229, 231, 232, 234, 235, 236

Ensino alternativo 93

Ensino-Aprendizagem de Inglês como LE 176

Ensino de línguas 182, 187, 188, 190

Estratégias de Ensino 16, 151, 176, 178, 179, 187, 194

## H

Habilidades intelectuais 14, 16

História 5, 8, 9, 10, 11, 12, 28, 29, 53, 54, 56, 59, 60, 74, 82, 113, 114, 115, 124, 125, 126, 132, 146, 147, 161, 162, 178, 195, 196, 200, 201, 220, 222

## I

Inclusão escolar 12, 14, 16, 22, 32, 33, 39, 60, 70, 75, 123, 125, 126, 129, 131, 135, 136, 137, 141, 142, 144, 145, 151, 155, 157, 162, 189, 200, 201, 203, 218, 235

Inclusão social 54, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 118, 128, 153, 186, 198

## L

Letramento de surdos 190, 193

LIBRAS 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 67, 119, 124, 125, 126, 129, 132, 183, 187, 188, 190, 192, 193, 217, 218

## M

Material Didático 95, 96, 97, 98, 102, 176, 185, 187

## N

Norbert Elias 42, 43, 45

## P

Prática docente 17, 32, 34, 35, 40, 78

Produção de materiais 93, 98

Professor especializado 14, 16, 21, 156

Psicologia Educacional 1

Psicólogo Escolar Educacional 69, 70

## R

Relato de Experiência 3, 11, 99, 134, 220, 222, 223, 225

## S

Sociedade 2, 5, 6, 12, 17, 19, 24, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 53, 54, 55, 57, 59, 62, 63, 65, 68, 72, 74, 82, 83, 88, 94, 112, 113, 114, 118, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 136, 144, 145, 146, 148, 149, 151, 156, 161, 162, 164, 171, 172, 187, 190, 192, 193, 198, 199, 207, 215, 221, 227, 228

Soroban 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110

Superdotação 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 135, 136

Surdos 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 65, 67, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 146, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

## T

Trabalho Colaborativo 134, 136, 139, 231, 233, 234, 235

Tradutor Intérprete de Libras 42

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-724-6



9 788572 477246